

de traçar um perfil sociológico dessas professoras, a análise das entrevistas deixa muito claro o quanto ser trabalhadora nessa época era ser lançada aos limites entre o lícito e o ilícito. O prisma do gênero mostra o quanto comportamentos hoje considerados naturais e corriqueiros para as mulheres trabalhadoras foram penosamente construídos: circular no espaço público, lidar com a sexualidade infantil e adolescente ou ainda com os colegas masculinos.

“Entre o desencanto e a paixão: desafio para o magistério” traz a análise que Cláudia Vianna faz de treze relatos de professoras e professores de escolas públicas de ensino fundamental e médio na cidade de São Paulo para descrever a sua condição de docentes. O desencanto é relacionado com as agruras do magistério: críticas ao poder público, à baixa remuneração, sentimentos de angústia e de humilhação. A paixão, por sua vez, está no gosto de dar aula, no prazer de ensinar, no afeto pelos alunos. Os relatos confirmam pesquisas anteriores: professores homens e professoras mulheres expressam os mesmos sentimentos e têm representações similares sobre a função do magistério. Entretanto, teima permanecer um senso comum estereotipado de que as mulheres são naturalmente destinadas a cuidar/lidar melhor com as crianças.

Incursoção profícua é a pesquisa de Marisa Vorraber Costa e Rosa Maria Hessel Silveira sobre a ação da mídia no campo da educação, analisando 63 fascículos da revista *Nova Escola*, com circulação nacional, publicada pela Fundação Victor Civita de São Paulo. Baseadas em noções foucaultianas de poder, de “técnicas de si” e de “governamentalidade”, as autoras recensaram os enunciados que aparecem com regularidade na revista. As representações encontradas referem-se também a pesquisas anteriores sobre a imprensa destinada a um público feminino. Para quem leu o artigo anterior, é exemplar a demonstração de como a mídia cria e mantém um senso comum relativo à suposta harmonia entre a *afetividade feminina* e o caráter da docência. O estilo dos enunciados, em forma

de receituário, verbos no imperativo, convidando/intimidando a professora a fazer isto e aquilo para ser uma boa professora, revela, juntamente com as fotos e as legendas dessas, ecos e reforços nas representações predominantes da nossa cultura quanto à expressão da afetividade dita feminina.

Em “Gênero e trabalho docente: em busca de um referencial teórico”, Marília Pinto de Carvalho faz uma crítica densa de uma das correntes do feminismo, conhecida como *feminismo da diferença*, desenvolvida nos Estados Unidos, particularmente quanto à sua cota de responsabilidade na difusão de uma feminilidade única, homogênea e pressuposta em todas as mulheres, e portanto no reforço de um eterno e imutável feminino. Ao revisitar obras conhecidas de Nancy Chodorow, Carol Gilligan, Nel Noddings, Rosiska Darcy de Oliveira e Sherry Ortner, a autora indica os problemas trazidos pela dicotomia dos conceitos, pela visão idílica da vida privada e da domesticidade e por uma polaridade entre homens e mulheres universal e aistórica. Nisso revela-se adepta de “uma desnaturalização e historicização radicais de nossa concepção de ser humano, incluindo o que tange à sexualidade, ao corpo, à biologia, à reprodução e à maternidade [que] permitem a percepção de variações históricas e culturais... no próprio significado atribuído ao fato de ser homem ou mulher”. Voltando-se para a questão da docência e da sua decantada feminização, a autora indica um processo de deslocamento de significados; o problema é que à docência são atribuídos conteúdos de gênero, seja ela exercida por homens ou por mulheres. Mais do que fechar essa coletânea com reflexões teóricas consistentes, o artigo é um convite aberto para outras investigações, tanto no campo da educação como nos campos do trabalho, da sexualidade etc.

O dom da *feminilidade* continua nos desafiando!

Danielle Ardaillon

Doutora em Sociologia pela USP

O CAMINHO DAS ÁGUAS: ESTEREÓTIPOS DE PERSONAGENS NEGRAS POR ESCRITORAS BRANCAS

Edith Silveira Pompeu Piza

São Paulo: Edusp, 1998. 216 p.

Livro baseado na tese de doutorado de Edith Piza, constitui-se em obra de referência para quem necessita estabelecer uma plataforma teórica capaz de assimilar as oscilações que ocorrem quando se procura lançar luzes sobre questões como o feminino e a criação artística.

A autora se preocupa em apresentar diversas abordagens teóricas como instrumentos disponíveis e, cada um, conforme seus princípios, pode se ajustar a este ou aquele conjunto de ferramentas para encaminhar seu pensamento e expressar suas idéias.

Outro ponto importante é a reflexão sobre o significado das personagens negras criadas pelas escritoras Odette de Barros Mott, Lucélia Junqueira de Almeida Prado, Gíselda Laporta Nicoletis e Mirna Pinsky. No convívio com as escritoras, propiciado pela coleta de depoimentos, Edith foi percebendo que as personagens femininas negras, embora elaboradas de acordo com os estereótipos de mulher negra vigentes em nossa cultura patriarcal e branca, representavam também os anseios, desejos e até metas explicitadas nas falas das autoras pesquisadas. Assim, um corpo de mulher negra, pródigo em nutrir o filho e saciar o amante, ou sua sensualidade completamente declarada, despertando desejos e fantasias dos homens, ou sua liberdade sem fronteiras para o trânsito entre classes e papéis sociais, ou sua força de trabalho e autonomia foram aparecendo como transcendência ao estereótipo, concretizando-se em metáfora e, finalmente, em metamorfose simbólica das escritoras, na busca da plena identidade de criadoras.

DROGAS NA ESCOLA: ALTERNATIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

Julio Groppa Aquino (org.)

São Paulo: Summus, 1998. 166 p.

Dentro do cenário escolar contemporâneo a discussão sobre drogas é uma das questões mais cruciais. Trata-se, sem dúvida, de um dos problemas que mais afligem a sociedade contemporânea em escala mundial. Considerando o fato de que a clientela primordial da droga tem sido principalmente a juventude, é fácil entender porque a escola, um dos principais espaços concretos de convivência de jovens, é obrigada a confrontar essa nova realidade, que nos obriga a descobrir outras formas de “pensar” a droga, além dos aspectos que transcendem o caráter legal ou ilegal de seu consumo, como, por exemplo, os subprodutos do comércio de drogas, tais como o tráfico pesado, o envolvimento dos jovens tanto com o uso das drogas como com o tráfico, e, conseqüentemente, o envolvimento com as armas.

O livro propõe uma reflexão sobre esses novos dados, contextualizando o problema; seus dez ensaios abordam diferentes facetas do assunto e discutem desde medidas práticas e dados estatísticos, que retratam a dimensão do problema, até o seu significado mais amplo numa sociedade que estimula as drogas legalizadas (como álcool e estimulantes) e contribui, muitas vezes, para hábitos de consumo compulsivo. Não se limitando à análise, o texto busca também apontar saídas para enfrentar com serenidade responsável essa exigência da instituição escolar.

Drogas na escola é uma coletânea de artigos escritos por autores significativos dentro do universo escolar e psicológico atual como Lídia Rosemberg Aratagy, Beatriz Carlini Cotrim, Álvaro Lorencini Júnior, Paulo Albertini, Auro Dany Lescher,

Simone Al Behy André, Maria Cristina G. Vicentin, Devanil Tozzi, Jairo Bouer, Leila Maria Ferreira Salles, João Alfredo Boni de Meirelles.

TESAURO PARA ESTUDOS DE GÊNERO E SOBRE MULHERES

Cristina Bruschini, Daniele Ardaillon, Sandra G. Unbehaum

São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Editora 34, 1998. 302p.

Pretendendo conhecer, descrever e compreender as relações sociais entre homens e mulheres, ou ainda recuperar aspectos menos conhecidos da vida das mulheres, o campo de estudos de gênero tem uma abrangência que requer um macrotesauro multidisciplinar, e foi dentro desse espírito que se elaborou esta publicação.

A obra vem atender tanto à necessidade das bibliotecas pertencentes a instituições interessadas na indexação dos seus acervos de títulos na área de gênero e sobre mulheres como ao desejo de feministas e estudiosos da área de estabelecer uma rede de informações bibliográficas.

O *Tesauro*, com mais de 1.700 termos, permite uma multiplicidade de usos tais como:

- indexar acervos sobre gênero e mulheres de qualquer biblioteca ou discoteca (livros, relatórios, jornais, revistas, artigos, folhetos, vídeos, fitas cassetes, CDs etc.);
- criar ou refinar sistemas de catalogação ou de organização de documentos;
- efetuar levantamentos bibliográficos ou mapeamentos dos estudos de gênero;
- acessar informações sobre a condição feminina em redes;
- elaborar índices de livros.

Os termos que compõem este *Tesauro* estão apresentados em duas listagens. Na

primeira, os termos figuram em ordem alfabética, cada um deles mostrando a sua estrutura conceitual e relacional com os termos genéricos, específicos, relacionados ou não recomendados. Na segunda listagem, os termos aparecem por nove áreas temáticas, ou seja, por aspectos particulares do campo de estudos de gênero dentro dos quais se agrupam diversas classes de assuntos: Ciência e Tecnologia; Ciências Naturais e Saúde; Ciências Sociais e Cultura; Comunicação, Artes e Espetáculos; Economia e Emprego; Educação, História e Mudança Social; Lei, Governo e Políticas Públicas; Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia.

Sabemos que a pesquisa feminista promoveu uma nova abordagem da realidade, renomeou fenômenos mal conhecidos e deu nomes a outros. Termos como: articulação trabalho-família, mulheres chefes de família, direitos reprodutivos etc., conferem a este *Tesauro* a função de difundir uma linguagem menos sexista e com isto favorecer a apreensão de um mundo não discriminatório em relação às mulheres.

Além do seu efeito organizador, a obra também tem um grande potencial como instrumento de discussão teórico-metodológico no campo dos estudos de gênero, uma vez que estabelece uma complexa inter-relação de conceitos e áreas temáticas.

OS FAZERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Ana Maria Mello, Telma Vitoria, Adriano Gosuen, Ana Cecília Chaguri (orgs.)

São Paulo: Cortez, 1998. 195p.

Este livro conta histórias sobre as formas de trabalhar com as crianças em creches e pré-escolas.

Essas histórias nasceram de experiências de profissionais na Creche da Carochinha, criada em 1985, em Ribeirão Preto, por educadores e pesquisadores da USP, com uma proposta de educação de qualidade

para a criança pequena. As pesquisas, experiências e discussões vivenciadas pelos profissionais que nela atuam, deram margem à produção de vários projetos interessantes. Um deles foi a idéia de fazer um jornalzinho, denominado *Batata Quente*, contendo crônicas de educadores e técnicos da Carochinha a respeito de seus fazeres. Os exemplares foram distribuídos aos funcionários e as famílias da creche, assim como a outras creches e instituições envolvidas com a educação infantil. O jornal também passou a fazer parte do trabalho de formação que a Carochinha e o Centro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil — Cinedi — desenvolvem juntos, recebendo visitas de várias creches e pré-escolas, supervisionando estágios, elaborando vídeos e prestando assessorias. Outra publicação do Centro, denominada *Série Carochinha*, é formada por um conjunto de folhetos que tratam de questões como sexualidade, agressividade, mordidas, adaptação, sono, entre outras.

Como havia grande procura entre os profissionais da área por esse tipo de material,

resolveu-se organizar a publicação *Os Fazeres na Educação Infantil*.

O livro reúne um conjunto de crônicas do *Batata Quente* e de textos da *Série Carochinha*, que possibilitam reflexões e ações a serem desenvolvidas na prática, e também um conjunto de artigos, escritos por profissionais do Cinedi, para uso em reuniões de formação de pessoal ou discussões de grupos. Com a intenção de que o livro fosse consultado de acordo com o interesse do leitor, os textos não são sequenciais. É por esse motivo que não houve uma preocupação com as repetições de idéias. Os textos abordam desde relacionamentos, linguagens, práticas cotidianas, até organização ambiental e estabelecimento de limites, além de dois artigos que discutem a educação infantil no Brasil e as novas leis que estão sendo lançadas para regulamentá-la.

A obra visa ainda elucidar os conteúdos propostos pelo *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*, publicado pelo MEC, auxiliando os profissionais que trabalham com crianças a realizar esses conteúdos.